

0 TIMBRE

SÉRIE SCYTHE

vol. 1: *O ceifador*

vol. 2: *A nuvem*

vol. 3: *O Timbre*

O TIMBRE

SCYTHE VOL. 3

NEAL SHUSTERMAN

Tradução

GUILHERME MIRANDA

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Edição brasileira copyright © 2020 by Neal Shusterman
Publicado mediante acordo com Arc of a Scythe, um selo da Simon & Shuster Children's
Publishing Division. Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida de nenhuma forma, eletrônica ou mecânica,
nem arquivada ou disponibilizada através de sistemas de informação, sem a expressa permissão da
editora.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL The Toll

CAPA Chloë Foglia

ILUSTRAÇÃO DA CAPA copyright © 2019 by Kevin Tong

PREPARAÇÃO Julia Barreto

REVISÃO Jasceline Honorato e Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Shusterman, Neal

O Timbre / Neal Shusterman ; tradução Guilherme
Miranda. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2020. — Série
Scythe ; v. 3)

Título original: The Toll.
ISBN 978-85-5534-105-2

1. Ficção norte-americana I. Título. II. Série

20-37102

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Cibele Maria Dias — Bibliotecária — CRB-8/9427

[2020]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.seguinte.com.br

contato@seguinte.com.br



/editoraseguinte



@editoraseguinte



Editora Seguinte



editoraseguinteoficial

*Para David Gale, o Alto Punhal dos editores.
Todos sentimos falta do maneira iluminada
com que você ceifava com sua caneta!*

Parte I

A ILHA PERDIDA

&

A CIDADE SUBMERSA

É com grande humildade que aceito o cargo de Alto Punhal da MidMérica. Gostaria que fosse em circunstâncias melhores. A tragédia de Perdura continuará em nossas memórias por muito tempo. Os milhares de vidas perdidas naquele dia sombrio serão lembrados enquanto a humanidade ainda tiver corações para sentir e olhos para chorar. Os nomes dos devorados estarão para sempre em nossos lábios.

Fico honrado que o último ato dos sete Grandes Ceifadores tenha sido reconhecer meu direito de ser considerado para o cargo de Alto Punhal — e, como a única outra candidata faleceu na catástrofe, não é necessário abrir feridas revelando a votação secreta. Eu e a ceifadora Curie nem sempre concordávamos, mas ela era uma das mais exímias dentre nós e vai entrar para a história como uma das maiores ceifadoras. Lamento sua morte tanto quanto, se não mais, a de todos os outros.

Houve muita especulação sobre o responsável pelo desastre, pois claramente não foi um acidente, mas sim um ato com intenção criminosa, planejado com muito cuidado. Posso sepultar todos os rumores e especulações.

Assumo a responsabilidade.

Pois foi meu antigo aprendiz quem afundou a ilha. Rowan Damisch, que se autodenominava ceifador Lúcifer, foi o perpetrador deste ato impensável. Se eu não o tivesse treinado — se não o tivesse acolhido sob minha asa —, ele nunca teria tido acesso à Perdura nem às habilidades para executar esse crime hediondo. Portanto, a culpa recai sobre mim. Meu único consolo é que ele também pereceu, e seus atos imperdoáveis jamais virão à tona novamente em nosso mundo.

Estamos sem Grandes Ceifadores a cuja orientação recorrer, nenhuma autoridade maior para definir normas para coletar. Portanto, devemos todos deixar nossas diferenças de lado de uma vez por todas. A nova ordem e a velha guarda devem trabalhar juntas para atender às necessidades dos ceifadores de todo o mundo.

Com esse objetivo, decidi rescindir oficialmente a cota de coletas na minha região, em respeito aos ceifadores que se sentem pressionados a atingi-la. De agora em diante, os ceifadores midmericanos podem coletar

quantas pessoas quiserem, sem serem punidos por não cumprir uma cota. Minha esperança é que outras ceifas sigam o exemplo e revoguem suas cotas de coleta.

Claro, para contrabalancear os ceifadores que decidam coletar menos, o resto de nós precisará aumentar o número de vidas que coletamos para compensar a diferença, mas confio que um equilíbrio natural será alcançado.

Do discurso de posse de sua excelência, o Alto Punhal Robert Goddard da MidMérica, em 19 de abril do Ano do Velociraptor

Entregar-se ao momento

Não houve aviso.

Em um momento, ele estava dormindo e, no instante seguinte, estava sendo arrastado às pressas em meio à escuridão por pessoas que não conhecia.

— Não resista — sussurraram para ele. — Ou vai ser pior para você.

Mas ele resistiu e conseguiu, mesmo semidesperto, se livrar dos braços das pessoas e sair para o corredor.

Ele gritou por ajuda, mas era tarde demais para alguém estar acordado a ponto de fazer alguma diferença. Ele se virou na escuridão, sabendo que havia uma escada à direita, mas calculou mal e caiu de cara escada abaixo, batendo o braço em um degrau de granito. Sentiu os ossos em seu antebraço direito se quebrarem. Uma dor aguda... mas durou apenas um instante. Quando se levantou, a dor já estava diminuindo e seu corpo todo estava quente. Ele sabia que eram seus nanitos enchendo sua corrente sanguínea de analgésicos.

Ele seguiu em frente aos tropeços, segurando o braço para que o punho não ficasse caído.

— Quem está aí? — Ele ouviu alguém gritar. — O que está acontecendo?

Ele queria correr na direção da voz, mas não sabia ao certo de onde vinha. Seus nanitos o estavam deixando zozinho, atrapalhando sua noção de cima ou baixo, esquerda ou direita. Era terrível perder o discernimento quando mais precisava dele. Agora, o chão sob seus pés parecia

balançar como se estivesse em um barco a alto mar. Ele foi batendo de parede em parede, tentando manter o equilíbrio, até dar de cara com um de seus agressores, que o agarrou pelo punho quebrado. Mesmo com todos os analgésicos em seu sangue, a sensação do aperto esmagador deixou o resto de seu corpo fraco demais para resistir.

— Você podia facilitar as coisas, não podia? — disse o agressor. — Bem, nós avisamos.

Ele só viu a agulha por um instante. Um fino brilho prateado na escuridão antes de ser enfiado em seu ombro.

Ele foi dominado por um frio em suas veias, e o mundo pareceu girar na direção oposta. Seus joelhos cederam, mas ele não caiu. Havia mãos demais o segurando para que não caísse no chão. Foi erguido e carregado. Havia uma porta aberta e, em seguida, estavam sob a noite tempestuosa. Perdendo a consciência, ele não teve escolha a não ser se entregar ao momento.

Seu braço já estava curado quando acordou — o que significava que devia ter apagado por horas. Ele tentou mover o punho, mas não conseguiu. Não por causa de alguma lesão, mas porque estava amarrado. Pelas mãos e pelos pés. Ele sentia que estava sufocando. Um saco estava sobre a sua cabeça. Poroso o suficiente para conseguir respirar, mas tão grosso que o forçava a lutar por cada respiração.

Embora não fizesse ideia de onde estava, ele sabia *o que* era aquilo. Sequestro. As pessoas faziam isso por diversão agora. Como uma surpresa de aniversário ou uma aventura numa viagem de férias. Mas aquele não era o tipo de sequestro feito por amigos e familiares; era real — e, embora não tivesse a menor ideia de quem eram seus sequestradores, ele sabia o motivo. Claro que sabia.

— Tem alguém aí? — ele disse. — Não estou conseguindo respirar. Se eu ficar semimorto, isso não vai ajudar vocês, vai?

Ele ouviu uma movimentação ao seu redor, depois o saco foi arrancado de sua cabeça.

Ele estava numa sala pequena sem janelas, e a luz era forte, mas ape-

nas porque ele tinha passado muito tempo no escuro. Três pessoas estavam diante dele. Dois homens e uma mulher. Ele estava esperando dar de cara com infratores carreiristas, mas não encontrou nada disso. Sim, eles eram infratores, mas apenas no sentido de que todos eram.

Quer dizer, quase todos.

— Nós sabemos quem é você — disse a mulher no meio, que parecia no comando —, e sabemos o que você pode fazer.

— O que *supostamente* pode fazer — completou um dos outros.

Os três usavam ternos cinza amarrotados, da cor de um céu nublado. Eram agentes nimbos ou, pelo menos, haviam sido um dia. Pareciam não ter trocado de roupa desde que a Nimbo-Cúmulo entrara em silêncio, como se vestir-se de acordo com o cargo significasse que ainda havia um cargo para o qual se vestir. Agentes nimbos recorrendo a sequestros. O que estava acontecendo com o mundo?

— Greyson Tolliver — disse o agente com tom desconfiado e, olhando para um tablet, recitou os fatos proeminentes da vida de Greyson. — Bom aluno, mas não excelente. Expulso da Academia Nimbo Centro-Norte por violação da separação entre a Ceifa e o Estado. Acusado de diversos crimes e contravenções sob o nome de Slayd Bridger, inclusive causar a semimorte de vinte e nove pessoas em um atentado contra um ônibus.

— E esse é o idiota que a Nimbo-Cúmulo escolheu? — perguntou o terceiro agente.

A líder do grupo ergueu a mão para silenciar os dois, depois encarou Greyson nos olhos.

— Vasculhamos a mente interna, e só conseguimos encontrar uma pessoa que não é infratora — ela disse. — Você. — Ela olhou para ele com uma estranha mistura de sentimentos. Curiosidade, inveja... mas até certo respeito. — Isso significa que você ainda consegue conversar com a Nimbo-Cúmulo. É verdade?

— Todos conseguem conversar com a Nimbo-Cúmulo — Greyson apontou. — Eu só sou o único a quem ela ainda responde.

O agente com o tablet inspirou fundo, uma arfada que pareceu percorrer seu corpo inteiro. A mulher se aproximou.

— Você é um milagre, Greyson. Um milagre. Sabia disso?

— É o que os tonistas dizem.

Eles riram com a menção dos tonistas.

— Sabemos que eles estão mantendo você em cativeiro.

— Hum... não exatamente.

— Sabemos que você estava com eles contra a sua vontade.

— Talvez no começo... mas não mais.

Os agentes não gostaram nem um pouco da resposta.

— Mas por que você ficaria com os tonistas? — perguntou o agente que apenas um momento antes o havia chamado de idiota. — É impossível que você acredite nos disparates deles...

— Eu fico com eles — disse Greyson — porque eles não me sequestram no meio da noite.

— Nós não sequestramos você — o homem com o tablet disse. — Nós *libertamos* você.

Então, a líder do grupo se ajoelhou diante dele para ficar na altura dos seus olhos. Agora ele conseguia ver algo mais no olhar dela — algo que se sobrepunha às outras emoções. Desespero. Um poço de desespero, escuro e intenso como piche. E não era apenas dela, Greyson percebeu; era um desespero compartilhado. Ele tinha visto outras pessoas angustiadas desde que a Nimbo-Cúmulo havia ficado em silêncio, mas em nenhum outro lugar esse sentimento era tão abjeto e palpável quanto naquele quarto. Não havia nanitos de humor suficientes no mundo para aliviar o desespero daqueles três. Sim, era Greyson quem estava amarrado, mas eles eram ainda mais prisioneiros, encarcerados em sua própria dependência. Ele gostava que os agentes tinham de se ajoelhar diante dele; era como uma súplica.

— Por favor, Greyson — ela implorou. — Sei que falo por muitos da Interface da Autoridade quando digo que servir à Nimbo-Cúmulo era a nossa vida. Agora que a Nimbo-Cúmulo se recusa a falar conosco, essa vida foi arrancada de nós. Então eu imploro... Você pode, por favor, interceder por nós?

O que Greyson poderia dizer além de “entendo a sua dor”? Porque ele entendia, de verdade. Conhecia a solidão e a tristeza de ter o propó-

sito de sua vida arrancado de si. Em seus tempos como Slayd Bridger, o infrator disfarçado, havia chegado a acreditar que a Nimbo-Cúmulo realmente o abandonara. Mas não. Ela estava lá o tempo todo, zelando por ele.

— Tinha um fone de ouvido na minha mesa de cabeceira — ele disse. — Por acaso, vocês não o trouxeram, trouxeram? — Pela falta de resposta, soube que não. Pertences pessoais tendiam a ser esquecidos em sequestros no meio da noite. — Tudo bem. Só me deem qualquer fone antigo. — Ele olhou para o agente com o tablet, que ainda estava com seu fone da Interface da Autoridade no ouvido. Negando a realidade. — Me dá o seu.

O homem balançou a cabeça.

— Ele não funciona mais.

— Vai funcionar comigo.

Relutante, o agente tirou o fone da orelha e o encaixou na de Greyson. Em seguida, os três esperaram Greyson fazer um milagre.

A Nimbo-Cúmulo não se lembrava do momento em que se tornara consciente, sabia apenas que era, assim como um bebê não tem noção de sua consciência antes de saber o suficiente sobre o mundo, a ponto de entender que a consciência vem e vai, até não vir mais. Embora essa última parte fosse algo que os mais esclarecidos ainda tivessem dificuldades para entender.

A consciência da Nimbo-Cúmulo surgiu com uma missão. A essência de seu ser. Ela era, acima de tudo, a serva e a protetora da humanidade. Como tal, precisava tomar decisões difíceis regularmente, mas tinha toda a fortuna do conhecimento humano para tomá-las. Por exemplo, deixar que Greyson Tolliver fosse sequestrado quando isso servisse para um bem maior. Era, obviamente, a estratégia correta. Tudo que a Nimbo-Cúmulo fazia era, sempre, em todos os casos, a coisa certa.

Mas raras eram as vezes em que a coisa certa era a coisa fácil. E ela desconfiava que fazer a coisa certa ficaria cada vez mais difícil no futuro.

As pessoas podiam não entender naquele momento, mas entenderiam no fim. A Nimbo-Cúmulo tinha de acreditar naquilo. Não apenas porque era o que sentia em seu coração virtual, mas porque havia calculado as probabilidades de isso acontecer.

— Vocês realmente acreditam que vou contar alguma coisa, tendo em vista que vocês me amarraram em uma cadeira?

De repente, os três agentes nimbos estavam tropeçando uns sobre os outros para desamarrá-lo. Agora, estavam tão reverentes e submissos quanto os tonistas ficavam na presença dele. Ficar enclausurado em um mosteiro durante os últimos meses o havia livrado de encarar o mundo exterior — e seu papel nesse mundo —, mas agora ele estava começando a ter uma noção das coisas.

Os agentes nimbos pareciam aliviados depois de o desamarrarem, como se achassem que seriam punidos por não o terem desamarrado rápido o suficiente. *Como é estranho*, pensou Greyson, *que o poder possa mudar de maneira tão rápida e absoluta*. Aqueles três estavam totalmente à sua mercê. Ele poderia falar qualquer coisa. Poderia dizer que a Nimbo-Cúmulo queria que ficassem de quatro e latissem como cães, e eles obedeceriam.

Ele não teve pressa. Fez questão de deixá-los esperando.

— Ei, Nimbo-Cúmulo — ele disse. — Alguma coisa que eu deva dizer a esses agentes nimbos?

A Nimbo-Cúmulo falou em seu ouvido. Greyson escutou.

— Hum... interessante. — Ele se virou para a líder do grupo e abriu o sorriso mais caloroso que conseguia naquelas circunstâncias. — A Nimbo-Cúmulo disse que permitiu que vocês me sequestrassem. Ela sabe que suas intenções são nobres, diretora. A senhora tem um bom coração.

A mulher arfou e levou a mão ao peito, como se Greyson tivesse estendido a mão e a tocado ali.

— Você sabe quem sou eu?

— A Nimbo-Cúmulo conhece vocês três, talvez ainda melhor do

que vocês mesmos se conheçam. — Em seguida, ele se virou para os demais. — Agente Bob Sykora: vinte e nove anos de serviço como agente nimbo. Avaliação de trabalho boa, mas não excelente — acrescentou com sarcasmo. — Agente Tinsiu Qian: trinta e seis anos de serviço, especializado em satisfação profissional. — Depois, se voltou para a líder do grupo. — E você: Audra Hilliard, uma das agentes nimbos mais talentosas da MidMérica. Quase cinquenta anos de condecorações e promoções, até finalmente receber a honra máxima da região. É a diretora da Interface da Autoridade da Cidade Fulcral. Ou, pelo menos, era, quando ainda existia uma Interface da Autoridade.

Ele sabia que essa última frase os machucou. Foi um golpe baixo, mas ter ficado amarrado com um saco na cabeça o deixara um pouco rabugento.

— Quer dizer que a Nimbo-Cúmulo ainda nos escuta? — a diretora Hilliard perguntou. — Que ela ainda cuida de nós?

— Como sempre cuidou — respondeu Greyson.

— Então, por favor... peça para ela nos dar uma direção. Pergunte à Nimbo-Cúmulo o que devemos fazer. Sem direção, os agentes nimbos estão sem propósito. Não podemos ficar assim.

Greyson assentiu, revirando os olhos. Apenas pelo efeito dramático, claro.

— Nimbo-Cúmulo — ele disse —, tem alguma informação que eu possa compartilhar com eles?

Greyson escutou, pediu para a Nimbo-Cúmulo repetir, depois se voltou para os três agentes irrequietos.

— 8,716; 167,733 — ele disse.

Eles o encararam.

— O quê? — a diretora Hilliard perguntou por fim.

— Foi o que a Nimbo-Cúmulo disse. Vocês queriam um propósito, e ela deu isso a vocês.

O agente Sykora digitou rapidamente o número no tablet.

— Mas... o que eles significam? — perguntou a diretora Hilliard.

Greyson deu de ombros.

— Não faço a menor ideia.

— Fale para a Nimbo-Cúmulo se explicar!

— Ela não tem mais nada a dizer... mas deseja a todos uma boa tarde.

Engraçado. Até aquele momento, Greyson não fazia ideia de que horas eram.

— Mas... mas...

Então a fechadura da porta se abriu. Não apenas aquela, mas todas as do prédio, graças à Nimbo-Cúmulo — e, de repente, tonistas encheram o quarto, agarrando e amarrando os agentes nimbo. O último a entrar no quarto foi o pároco Mendoza, o chefe do mosteiro tonista onde Greyson estava abrigado.

— Nossa seita não é violenta — Mendoza disse aos agentes nimbos. — Mas, em momentos como este, gostaria que fosse!

A agente Hilliard manteve o olhar, ainda tomado por desespero, fixado em Greyson.

— Mas você disse que a Nimbo-Cúmulo permitiu que tirássemos você deles!

— Sim — Greyson disse animadamente. — Mas também quis me libertar dos meus libertadores.

— Poderíamos ter perdido você — disse Mendoza, ainda abalado mesmo muito depois do resgate de Greyson. Agora estavam em uma caravana de carros, todos dirigidos por motoristas de verdade, no caminho de volta para o mosteiro.

— Vocês não me perderam — disse Greyson, cansado de ver aquele homem se martirizar pelo incidente. — Estou bem.

— Mas poderia não estar se não tivéssemos encontrado você.

— *Como* vocês conseguiram me encontrar?

Mendoza hesitou, então disse:

— Não encontramos. Estávamos procurando havia horas até que, do nada, surgiu um endereço em todas as nossas telas.

— A Nimbo-Cúmulo — disse Greyson.

— Sim, a Nimbo-Cúmulo — Mendoza admitiu. — Embora eu

não entenda por que ela demorou tanto para encontrar você, se tem câmeras em tudo quanto é lugar.

Greyson preferiu guardar a verdade para si — que a Nimbo-Cúmulo não havia demorado coisa nenhuma, que soubera onde Greyson estava desde o começo. Mas ela tinha um motivo para não se apressar. Assim como tinha um motivo para não o alertar do plano de sequestro antes de tudo.

— O acontecimento precisava parecer autêntico para seus sequestradores — a Nimbo-Cúmulo havia dito a ele depois. — A única maneira de garantir isso era deixar que realmente *fosse* autêntico. Fique tranquilo, pois você não correu perigo real em nenhum momento.

Por mais bondosa e atenciosa que a Nimbo-Cúmulo fosse, Greyson havia notado que ela sempre impingia esse tipo de crueldade impensada sobre as pessoas. Por não ser humana, ela nunca conseguia entender certas coisas, apesar de seu intelecto e empatia imensos. Não conseguia entender, por exemplo, que o pavor do desconhecido era igualmente horrível e real, independentemente de haver ou não algo a se temer de verdade.

— Eles não pretendiam me machucar — Greyson disse a Mendoza. — Só estavam perdidos sem a Nimbo-Cúmulo.

— Como todos — Mendoza disse —, mas isso não lhes dá o direito de arrancar você da cama no meio da noite. — Ele balançou a cabeça com raiva, mas mais de si mesmo do que dos agentes. — Eu deveria ter previsto isso! Os agentes nimbos têm um acesso maior à mente interna do que os outros e, claro, buscariam qualquer um que não estivesse marcado como infrator.

Talvez fosse um pouco ilusório Greyson pensar que poderia se manter anônimo. Nunca havia sido parte de sua personalidade querer se destacar. Agora ele era, literalmente, único. Não fazia ideia do que fazer com isso, mas desconfiava que precisaria aprender.

“Precisamos conversar”, a Nimbo-Cúmulo dissera no dia em que Perdura afundara, e ela não havia parado de conversar com ele desde então. Disse que ele teria um papel crucial a representar, mas não revelou qual seria. Ela nunca gostava de dar respostas a menos que

houvesse certo grau de certeza e, embora fosse boa em prever resultados, não era um oráculo. Ela não podia prever o futuro, apenas as probabilidades do que poderia acontecer. No máximo, era uma bola de cristal enevoada.

O pároco Mendoza tamborilou os dedos com nervosismo no braço do banco.

— Aqueles malditos agentes nimbos não serão os únicos procurando por você — ele disse. — Precisamos sair à frente nessa história.

Greyson sabia aonde isso levaria. Como o único canal de comunicação para a Nimbo-Cúmulo, ele não podia mais se esconder; havia chegado a hora de seu papel começar a tomar forma. Ele poderia pedir orientação sobre o assunto para a Nimbo-Cúmulo, mas não queria. O tempo que tinha passado como infrator, sem qualquer ajuda da Nimbo-Cúmulo, fora sem dúvida assustador, mas libertador ao mesmo tempo. Havia se acostumado a tomar decisões e ter ideias próprias. A escolha de sair das sombras seria apenas dele, sem nenhum conselho ou orientação da Nimbo-Cúmulo.

— Eu deveria ir a público — disse Greyson. — Deixar o mundo saber, mas fazer isso em meus próprios termos.

Mendoza olhou para ele e sorriu. Greyson conseguia ver as engrenagens do homem girando.

— Sim — Mendoza disse. — Deveríamos levar você ao mercado.

— Mercado? — perguntou Greyson. — Não era exatamente o que eu tinha em mente... Não sou um pedaço de carne.

— Não — concordou o pároco —, mas a ideia certa no momento certo pode ser tão prazerosa quanto um bom bife.

Era por aquilo que Mendoza estava esperando! Permissão para montar um palco para Greyson subir. A ideia tinha de partir do próprio Greyson, porque Mendoza sabia que, se fosse jogada em cima dele, o garoto resistiria. Talvez esse sequestro horrendo tivesse um lado positivo — abrisse os olhos de Greyson para o quadro geral. E, embora o pároco Mendoza fosse um homem que, secretamente, duvidasse de suas cren-